

## VOLADA

Alguns leitores reclamam: que estão cansados do Acre. Bem, no mês que vem farei outra viagem, e escreverei de terras mais amenas. Mas me deixem esvaziar meu jamachi (andei escrevendo "jamachim", mas errado: é "jamachi" o cesto enorme que o seringueiro carrega às costas, levando, às vezes um péso superior a ele mesmo: o Acre padece da falta de muares e equinos, e o boi é muitas vezes usado como montaria; mas a besta de carga é mesmo o homem) ou meu saco de borracha. Pouco me resta a dizer dessa rápida viagem. Do governo do coronel Amílcar Dutra de Menezes, que cercou de gentilezas os jornalistas visitantes (para cativar o meu coração havia mesmo, na praça fronteira ao Palácio, uma faixa com estes dizeres: "Rio Branco saúda Cachoeiro de Itapemirim") eu nada direi. Ele tem menos de quatro meses de governo e não pode, portanto, mostrar nenhuma obra considerável. Apenas faço votos para que consiga fazer alguma coisa para resolver os grandes problemas do Território, e que só será possível se o governo federal lhe der recursos e auxílios. O governador Guiomard dos Santos pôde realizar alguma coisa porque o governo Dutra (quem viaja por esses cantos do Brasil deve reconhecer que o general teve o mérito de soltar dinheiro para as obras do interior: estradas, escolas rurais, etc.) lhe deu, de 1946 a 1950, quase 260 milhões de cruzeiros; esperamos que o pão-durismo oficial reinante não impeça a execução de obras necessárias ao Acre e ao Brasil. Apesar de todas as suas melancolias geológicas e geográficas o Acre é uma região com importante papel na economia nacional.

\* \* \*

A segunda riqueza do Acre é a castanha do Pará. Visitando os seringueais encontramos, a todo instante, essa bela árvore, grossa e gigantesca, de tronco escuro e vertical, que abre, acima das franças mais altas da floresta, sua copa de galhos torturados. E nos meses de chuva que ela deixa cair seu grande e pesado ouriço, capaz de matar um homem. Com um facão o caboclo abre esse ouriço para retirar as castanhas: um hectolitro está valendo de 270 a 300 cruzeiros.

Se é deixado no chão, o ouriço não se abre sozinho: a árvore não pode, portanto, se reproduzir, com as sementes presas lá dentro. A reprodução natural é devida a alguns animais, especialmente a cutia. Roendo o ouriço, com seus dentes vermelhos, ela come as castanhas. Depois de encher bem a barrigui-nha, a cutia enterra no chão, aqui e ali, as castanhas que sobram, para comer depois, quando vier o tempo da seca; as sementes que ela não encontra germinam. Mesmo em cativeiro, no quintal da casa, a cutia faz isso, me contou um acreano, que tem cutias em casa. E já li em algum lugar que ela faz o mesmo nos pinheirais do Paraná. É mais previdente que o homem, que nunca se lembra de plantar castanheiras — estranho roedor que vai roendo tudo e depois coça a cabeça diante do deserto.

\* \* \*

Não voltamos pela Amazônia, mas pelo oeste, em um avião da Cruzeiro do Sul, beirando a fronteira da Bolívia, voando sobre a floresta, depois sobre a bela, impressionante Chapada dos Parecis, cortada de talvegues profundos de rios que demandam o Amazonas ou o Prata, depois sobre o pantanal tristonho de Mato Grosso e o planalto paulista, cultivado como um imenso jardim. Porto Velho, Guajará-Mirim, com seus belos sobrados de madeira, Forte Príncipe da Beira, com suas muralhas do século XVIII, Vila Bela de Mato Grosso, que dizem só habitada por negros, que absorveram a minoria branca; Cáceres, Culabá, Corumbá, com sua nova usina de ferro e as lindas palmeiras imperiais diante do rio amplo, onde nos espera, como na Torre de Nerone sobre os Apeninos, o abraço do coronel Oest; Campo Grande, Araçatuba, S. Paulo, Rio. Foi uma volta de uns 10 mil quilômetros, apressada, mas bela: uma volada pelo miolo do Brasil, este imenso mundo verde e tristonho, que apenas povoamos com nossa velha, cansada esperança.

R. B.

29.8.51

508